

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda São Manoel de Cima

código
AIII-F25-Val

localização
Rodovia RJ-145 (entre Valença e Barra do Pirai)

município
Valença

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária de leite e corte / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

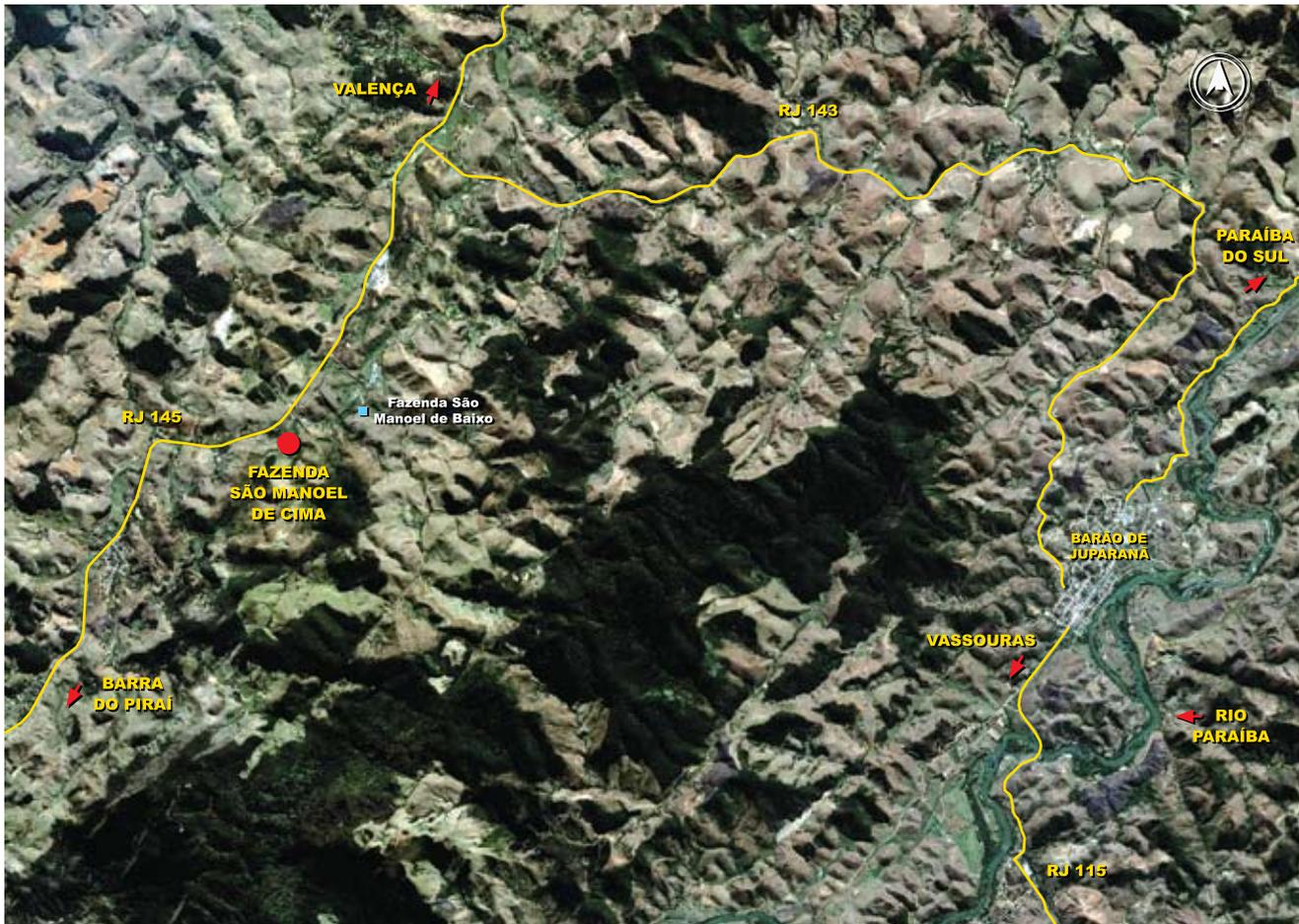
proprietário
particular



Fazenda São Manoel de Cima, fachada principal

coordenador / data **Sonia Rachid – mai 2009**
equipe **José Roberto Mendes, Marcos Vinícius Silva Gomes**
histórico **Adriano Novaes**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

A Fazenda São Manoel de Cima está localizada à margem da RJ-145, distando de Valença 9 km. Uma porteira junto à estrada asfaltada delimita o curto caminho de terra que dá acesso à casa-sede (f01), que conta com um belo lago na baixada à esquerda (f02). Os morros do tipo meia laranja, com pastagem rala, emolduram a paisagem, e a casa, implantada numa várzea, tem ao seu redor uma arborização esparsa (f03).



01



02



03



04

Na chegada, há um largo gramado arrimado por uma mureta em pedra lavrada, com frondosas paineiras, magnólias, palmeiras imperiais, cariotas e árvores arbustivas, de onde se vê a lateral direita da casa-sede, composta por um correr de seis janelas, simétricas e ritmadas (f04). Ladeando-a pela direita, separada por um corredor com piso de lajeado em pedra, a casa do caseiro, outrora um paiol, dividido em três grandes cômodos, e uma garagem de construção rústica (f05).

Nos fundos da casa de serviço, um rancho com antigo tanque em alvenaria, e no quintal, junto à cozinha, uma edícula destinada ao lazer (f06), tendo ainda a caixa d'água sobre pilotis, um rancho e espaço para depósitos (f07). O caminho de chegada passa pela porteira e segue à esquerda para as instalações rurais (f08) sendo a propriedade repleta de várias nascentes d'água (f09).



05



06



07



08



09



10

Perto do lago, o paiol, e seguindo, curral, silo (f10), casa de colono e o antigo moinho (f11), com o caminho sempre margeado por frondosas árvores, tendo espécies nobres como o pau-brasil e o jacarandá. Há um vasto pomar à direita, espaço rico em diversas qualidades de frutas, como caqui, jabuticaba, manga, caju, carambola, lima-da-pérsia, grumixama, cacau, sapoti, amora e muitas outras. A fachada principal, voltada para essa área verde (f12), mantém, como divisa, uma murada muito próxima, com aproximadamente 57 m de comprimento em pedra insossa (f13) e altura máxima de 3,70 metros. Vale citar que o antigo acesso para a casa-sede era um caminho que percorria os fundos e a lateral direita da casa para chegar ao alpendre.



11



13



12

A casa-sede foi construída sobre porão baixo e apresenta, na fachada principal, um alpendre central com telhado de três águas apoiado em pilares de madeira (f14), ladeado por duas janelas de cada lado, cujo acesso é feito por um lajeado em pedra e uma escada de lance único, também em pedra lavrada, com guarda-corpo simples em treliça de madeira (f15) e piso de cimento. Este acesso é duplo, feito através de duas portadas principais (f16) que se abrem para o vestibulo, e mantém esquadrias de madeira com almofadas, venezianas e caixilhos de vidro e bandeiras estreitas em vidro translúcidos e verdes, ornamentada com delicado friso de folhagem (f17 e f18). A casa-sede tinha originalmente a sua planta em formato de um “L”. Porém, em 1954, foi construído um acréscimo de uma cozinha e uma área de serviço, ficando definida a composição de um “U” (f19 e f20) e criando-se um pátio interno com jardim fechado por um muro à meia altura, que dá acesso aos fundos da casa-sede através de um portão (f21).

A construção, sobre base de pedra, tem paredes de tijolo maciço, com a cobertura de telhas francesas. As telhas originais, de capa e bica, serviram para cobrir as instalações rurais, e o beiral, com fechamento em madeira, é diferenciando na área do acréscimo por uma laje em concreto (f22).

As esquadrias são de verga reta, possuindo as janelas bandeiras estreitas, envidraçadas, e duas folhas com venezianas na metade inferior, complementadas com caixilhos em vidro, tendo, internamente, duas folhas cegas com canaleta central. Abaixo das janelas corre um embasamento chapiscado e, sobre elas, um friso em massa, à guisa de sobreverga com obreiras, porém contínuo, com ornatos de pingentes, que termina nos cunhais. Nas paredes que ladeiam o alpendre, dísticos circulares indicam o ano de 1926 (f23), data da reforma do telhado.



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23

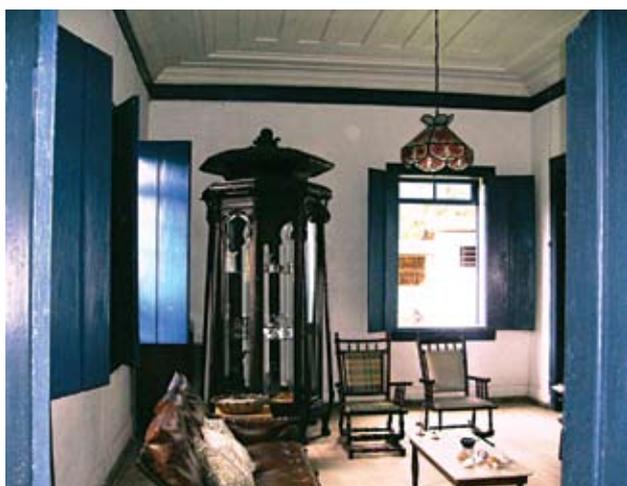
O embasamento conta com seteiras para a ventilação do porão.

Internamente, o vestíbulo se comunica com a sala de estar (f24) e com um *hall* que dá acesso a um pequeno quarto frontal e à sala de jantar (f25). Voltados a sala de estar estão o escritório (f26) e um quarto anexo, banheiro com meia parede e lavabo, que também faz a transição para a sala de jantar. A maioria dos quartos está voltada para a fachada lateral direita (f27 e f28), sendo que todos têm portas de interligação. Uma circulação une a ala social com a de serviço e ao exterior, acessando o corredor lateral entre a casa-sede e a do caseiro. O pátio interno possui calçada contornando seu perímetro e mantém arbustos, um limoeiro e a ornamental espirradeira, sendo circundado pelas janelas das áreas social e de serviço, e tendo acesso pela cozinha, pela iluminada circulação e pelo quintal (f29).

As portas internas têm bandeira com caixilhos em vidro pintados de branco, mantendo duas folhas cegas em azul, sendo que as portas da ala social recebem nas bandeiras um ornato denticulado (f30). Na circulação, a porta envidraçada junto com as janelas geminadas em guilhotina dão um ar avarandado e luminoso ao espaço (f31). Na cozinha, a porta e a janela são de venezianas e caixilhos de vidro (f32), sem folha cega externa. Banheiros e despensa fazem a ventilação e iluminação por basculantes com perfil de ferro.

O assoalho da casa em madeira estreita denota que houve substituição do original, porém os quartos mantêm o antigo tabuado. O forro de todo o casarão é em saia e camisa, com destaque para a roseta central na sala de visitas (ver f30). No espaço de transição e na antiga cozinha com chaminé, o piso é cimentado (f33) e a cobertura em telha vã. A área de acréscimo, composta pela circulação e as dependências de serviço, recebeu laje. Banheiros (f34) e cozinha possuem paredes azulejadas e, juntamente com a despensa e a circulação avarandada, apresentam pisos de ladrilho cerâmico.

A casa do caseiro é de alvenaria de tijolo maciço, tendo cobertura de telhas francesas (f35), esquadrias de verga reta com uma folha cega. O rancho dos fundos possui cobertura em telhas de amianto, e o paiol de madeira, o moinho e o curral, apresentam telhados com telha cerâmicas capa e bica.



24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34



35

O casarão apresenta uma estrutura sólida, bem conservada, com a cobertura reformada, porém, no fechamento do beiral, a madeira atesta vários pontos com deterioração (f36). O embasamento indica infiltração ascendente (f37), com pulverulência, nas paredes, sujeidade e descolamento da pintura. Várias esquadrias externas estão comprometidas pela ação das intempéries (f38 e f39).

No interior do casarão, observa-se algumas fissuras e trincas junto às vergas (f40 e f41) no encontro de paredes, além de pontos com infiltração descendente (f42).



36



37



38



39



40



41

Percebe-se a ação de insetos xilófagos nos peitoris das janelas (f43) e em algumas partes do assoalho. Na sala de visitas, constata-se pelo exterior a intervenção que propiciou o entaipamento de uma das janelas (ver f21). O forro em madeira está bem conservado, com remendos esparsos ainda por pintar (f44), e a laje da circulação avarandada indica infiltração descendente (f45). Na cozinha há desprendimento do emboço na parede junto ao pátio interno (f46), proveniente da umidade por falta de insolação e escoamento inadequado das águas pluviais. Nas paredes externas, percebe-se a presença de limo nas calçadas (ver f38), com deterioração das esquadrias.



42



43



44

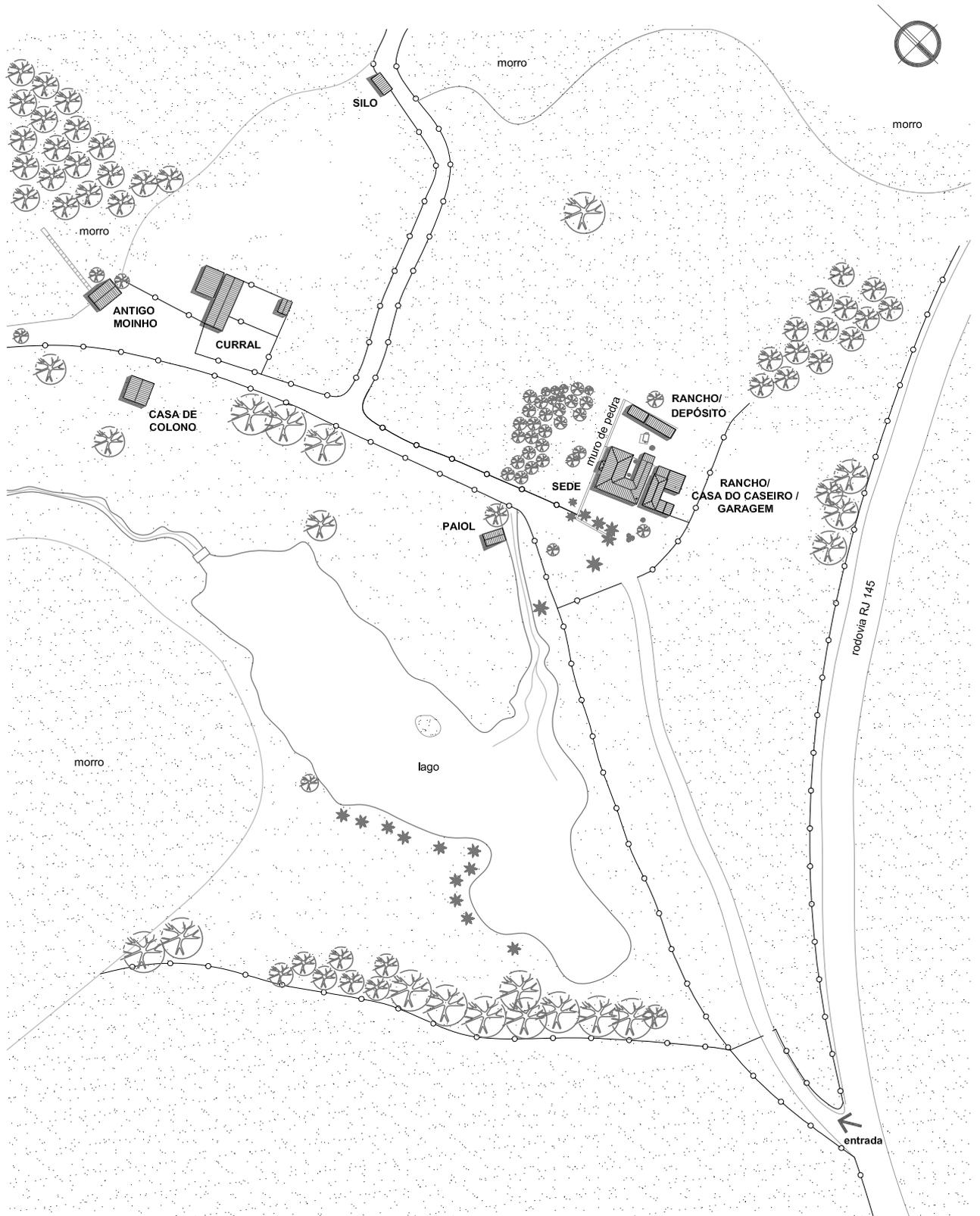


45



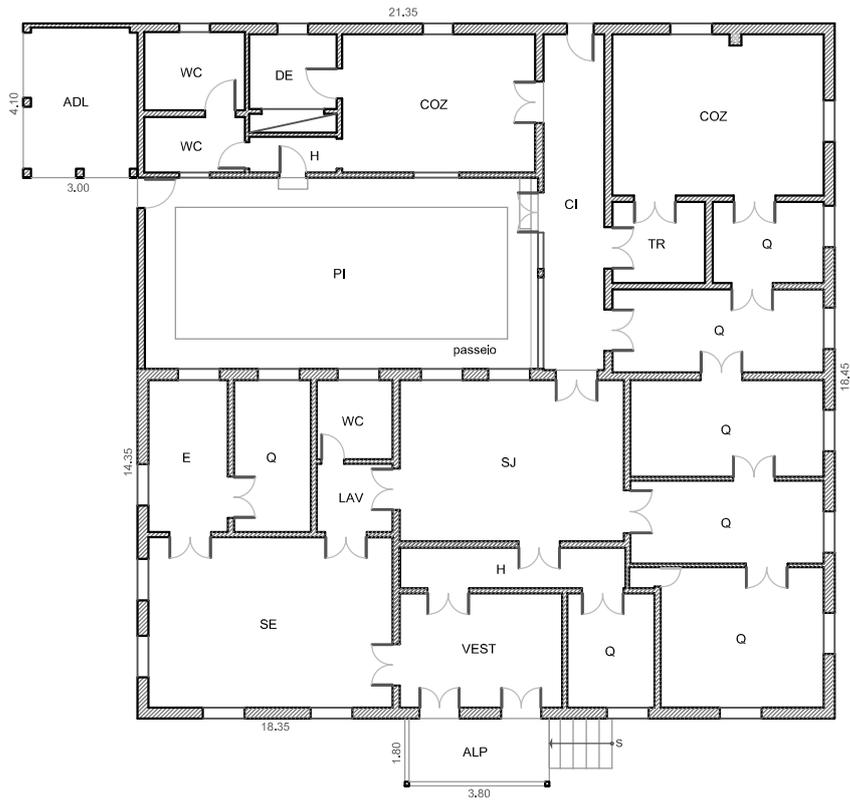
46

FAZENDA SÃO MANOEL DE CIMA



1 Implantação
escala: 1/2500

FAZENDA SÃO MANOEL DE CIMA



1 Planta Baixa - Sede
escala: 1/200



ALP - alpendre	COZ - cozinha	H - hall	Q - quarto	TR - transição	alvenaria existente
ADL - área de lazer	DE - despensa	LAV - lavabo	SE - sala de estar	VEST - vestibulo	alvenaria demolida
CI - circulação	E - escritório	PI - pátio interno	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	

A Fazenda São Manoel de Cima, até fins do século XIX, era parte integrante da atual Fazenda São Manoel de Baixo, constituindo uma só propriedade, com a denominação de Fazenda São Manoel.

Originalmente, a Fazenda São Manoel teve origem em parte da sesmaria concedida, em 1811, a Marcelino Resende da Costa¹.

Passados alguns anos, esta mesma sesmaria foi adquirida pelo capitão Ignácio José Nogueira da Gama, irmão mais moço de Manoel Jacintho Nogueira da Gama – o marquês de Baependy – proprietário das sesmarias vizinhas do lado sul, Fazenda Santa Mônica e outras (CALMOM, 1985).

A Fazenda São Manoel (de Baixo) foi fundada e construída por volta de 1825, pelo coronel Ignácio José Nogueira da Gama, que iniciou a cultura do café na propriedade². Jovem ainda, com 40 anos de idade, coronel Ignácio, faleceu na Corte do Rio de Janeiro em 1834, deixando viúva D. Maria Carolina Velasco da Gama e nove filhos, sendo alguns ainda em tenra idade.

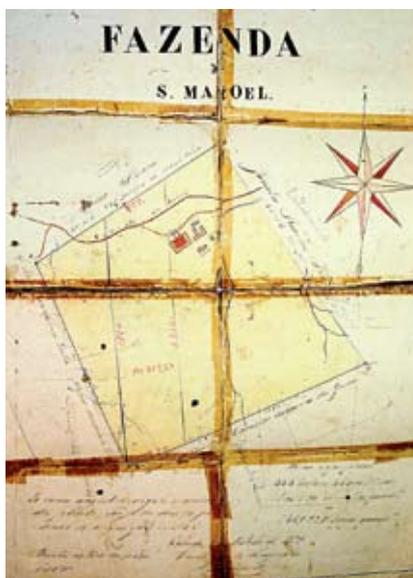
A viúva D. Carolina Velasco da Gama, que havia herdado a metade da fazenda, vendeu, em 19 de setembro de 1839, São Manoel ao seu vizinho, o português Francisco Martins Pimentel, pelo valor de cinquenta e dois e meio contos de réis³.

Francisco Martins Pimentel, senhor e fundador da vizinha Fazenda Santa Tereza (hoje conhecida como Fazenda da Conquista), foi adquirindo aos poucos as outras partes da Fazenda de São Manoel, dos herdeiros do coronel Ignácio José. Logo depois de sua morte, ocorrida em 1854, seu filho Jacinto Martins Pimentel, herdou São Manoel⁴. Sua Fazenda de São Manoel fazia divisa com seus outros três irmãos, a saber: Joaquim Gomes Pimentel, agraciado pelo rei de Portugal com o título de visconde de Pimentel, era proprietário das fazendas Santa Tereza e Vista Alegre; Maria Francisca Esteves Pimentel, casada com o português Manoel Antônio Esteves, senhores das fazendas Santo Antônio do Paiol e Boa Vista (esta última, onde hoje está o bairro São Francisco) e Cândida Pimentel Poyares, casada com o também português Antônio Alves Ferreira Poyares, fundadores da Fazenda Santana.

Por motivos desconhecidos, Jacinto desmembrou e vendeu parte das terras da fazenda por volta de 1875. Foi nesta época que o comendador Severino Ribeiro de Souza Resende⁵ adquiriu a parte desmembrada, dando origem à Fazenda São Manoel de Cima.

Na década de 1920 era propriedade de Eduardo Soares da Costa.

Em 1978, a Fazenda São Manoel de Cima foi adquirida pelo professor Dermeval Moura de Almeida Filho⁶, personalidade de projeção nas cidades de Valença e Rio Preto, com importante trabalho em prol do ensino superior na região. Atualmente a fazenda pertence a seus herdeiros.



Planta da Fazenda São Manoel de Cima, 1879

¹ Sesmaria de Marcelino Resende da Costa. Caixa 149, n 024. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

² Inventário do coronel Inácio José Nogueira da Gama, Ano 1837. Museu da Justiça, Rio de Janeiro.

³ Cartório do Segundo Ofício de Notas de Valença - Escritura de Compra e venda da Fazenda de São Manoel de 19-09-1839/ Livro nº 3, p. 150.

⁴ Registro Paroquial de Terras, feito em nome de Jacinto Martins Pimente - Livro 88, p. 55v, reg. nº 233 de 28-02-1856. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

⁵ Medição amigável entre Jacinto Martins Pimentel e outros, ano 1877. Museu da Justiça, Rio de Janeiro.

⁶ Dermeval Moura de Almeida Filho nasceu na cidade de Rio Preto em 30.05.1923. Diplomou-se em Farmácia pela Escola de Odontologia e Farmácia de Juiz de Fora. Especializou-se em Análises Clínicas tendo sido chefe de Laboratório do Hospital José Fonseca em Valença. Em 1977, concluiu o curso de Direito na Faculdade de Direito de Valença. Participou intensamente das atividades políticas em Rio Preto, Minas Gerais e em Valença, RJ. Foi vereador da Câmara Municipal de Rio Preto em duas legislaturas. Em 1951 elegeu-se prefeito Municipal de Rio Preto. Foi presidente da UDN e da Arena. Dermeval, além de exercer o magistério em várias unidades colegiais como professor de química, foi membro fundador da Fundação Educacional D. André Arcoverde, que mantém as Faculdades de Valença, sendo feito presidente da mesma em 1981. Nesta gestão, criou o Centro de Ensino Superior de Valença. Desposou a professora Olga Tabet de Almeida, filha do comendador Raif Salin Tabet e Alice Fadel Tabet. O casal teve quatro filhos.